

Sumário

A Construção da língua portuguesa frente ao espaço ibérico	2
Aula 4: O processo de "elaboração" da língua, 2.....	2
Pontos a Relembrar	3
O caso das nasais	7
Resumo "Cronológico" das mudanças selecionadas	8
A produção escrita primitiva do português (1200-1250) - Um exemplo	9
<i>"Essa titubeante invenção do escrever português": Exame inicial da Notícia de Torto.</i>	9
"Das dicções velhas", "das dicções novas"	10
<i>Exemplos de Contribuições do Latim Medieval.....</i>	<i>11</i>
<i>Exemplos de Formas Divergentes (alotrópicas).....</i>	<i>11</i>
<i>Exemplos de Formas Refeitas.....</i>	<i>11</i>

A Construção da língua portuguesa frente ao espaço ibérico

Aula 4: O processo de "elaboração" da língua, 2

Epígrafes

Fernando Vasquez Corredoira, *A Construção da língua portuguesa frente ao castelhano*, 1998:

As profundas transformações económicas, demográficas e culturais, início de uma sociedade urbana e mercantil, que se desenvolvem na derradeira fase da Idade Média, geram a emergência de novas camadas sociais que buscam dotar-se de expressão própria que as distinga. Nasce, então, em certos grupos de *notáveis a vontade de inventar uma língua*, prestigiosa como o latim. (1998:23)

Duarte Nunes de Lião, *Origem da língua portuguesa*, 1606 (meus grifos):

Era a língua Portuguesa na saída daquele cativoiro dos Mouros mui rude, e mui curta, & falta de palavras, e cousas, por o mísero estado, em que a terra estivera: o que lhe conveio tomar de outras gentes, como fez. Polo que sua meninice foi no tempo del Rei dom Afonso VI, de Castela [1076-1109], e no do Conde dom Henrique [1139-1185] até o del Rei dom Dinis de Portugal [1279-1325] que teve alguma policia, e foi o primeiro que pos as leis em ordem, e mandou fazer compilação delas, e compôs muitas cousas em metro à imitação dos Poetas Provençais, como se **melhorou** a língua Castelhana em tempo del Rei dom Afonso o sábio [1252-1284] seu avô, que mandou escrever a crônica geral de Espanha, e compilar as sete partidas das leis de Castela, obra grave, e mui honrada, posto que rude nas palavras, como também mandou traladar muitos autores da língua latina na Castelhana. E assi se foram **ornando** ambas as línguas, Portuguesa e Castelhana até a **policia** em que agora estão.” (Lião, 1606:30-33; minha edição)

Pero Magalhães de Gandavo, *Diálogo em defesa da língua portuguesa*, 1574:

(Falencio): La causa señor Petronio, de vuestra lengua ser juzgada por essa (no solo de todas las naciones del mundo, mas aun de los mismos Portugueses que la poseen) es por que en su principio como se puede ver en el language de algunas historias y cronicas antiguas de Portugal, usavan muchos vocabulos muy diferentes y improprios de su natural significación y origen. Y después conociendo los hombres por el tiempo adelante la impropriedad, y poca policia deste language, vinieron poco a poco **apurandolo con derivar y componer vocabulos** de diversas lenguas **ayuntandolos** ala suya: y asi con favor delas agenas **suplieron muchos defectos** que ella en si tenia. Por donde se no puede llamar verdadero Portugués el que agora en estos tiempos usais, sino el antiguo que en principio se usava, como ya tengo dito. Y por esso con razón llaman todos a esta lengua bárbara, que en la realidad dela verdad lo és, pues de si es tã pobre, y tan poco polida, que sin ayuda delas otras quedaria tan ruda y tosca, que en estos tiempos no se poderia oír, ni aun entender delos mismos Portugueses. (p. 4-6)

Pontos a Relembrar

Para Ivo Castro (Castro, 2004), a história da língua portuguesa se define pelos sucessivos ciclos de expansão que refletem “a história da ocupação do território, a formação do estado e os grandes movimentos da nação”:

“O primeiro movimento a considerar pode ser apresentado como uma transplantação inicial da língua, que parte de sua área inicial na Gália Magna para se derramar pelo resto do território europeu, onde se sobrepõe ao árabe que as populações reconquistadas falavam. O segundo movimento, igualmente para o sul, consiste em um salto para fora da Europa. Com as Descobertas, a língua instala-se em ilhas atlânticas desabitadas, nos litorais africano e asiático que ofereciam suporte às rotas marítimas, e ainda no litoral brasileiro.”(...)

“Estes dois movimentos sucessivos de crescimento da língua portuguesa permitem-nos reconhecer a presença e a acção de dois ciclos evolutivos, **separados por uma cesura no séc. XV**:

(a) o ciclo da Formação da Língua, que decorre entre os sécs. IX e XV na esteira da Reconquista do território dos árabes; os povos do norte transplantaram a sua língua para o sul, onde ela se transformou pelo contacto com a língua local e **ganhou, a partir do séc. XV, ascendente sobre os dialectos do norte, tornando-se base de uma norma culta de características meridionais, que seria vista como a língua nacional**;

(b) o segundo ciclo é o da Expansão da Língua: o período do séc. XV a inícios do séc. XVI é aquele em que a língua mais radicalmente se transfigura. Enquanto se reestruturava e consolidava dentro de portas, a língua portuguesa começa a expandir-se para fora da Europa, pelo que, a partir de então, é preciso distinguir entre português europeu e português extra-europeu”.

“O ciclo da Formação desenrola-se a partir da introdução de algumas mudanças muito extensas na língua falada no território inicial da Gália Magna, língua que, entre os sécs. V-VII, era ainda uma variedade de latim oral. Simplificando, diremos que duas consoantes muito frequentes iniciam um processo de apagamento quando se encontram em posição intervocálica, o que teve como consequência que todas as palavras que as possuíam mudaram drasticamente de aspecto sonoro.”(...)

“Estes dois fenómenos semelhantes produziram-se apenas na Gália Magna e afectaram o latim aí falado, que passou assim a distinguir-se tanto do latim falado no centro da Península, que daria origem ao castelhano e ao leonês, como do latim falado a sul, na Lusitânia. Essa diferença entre a língua da Gália Magna e as suas vizinhas mais chegadas talvez tenham sido o acto de nascimento da nossa língua, a que, por respeito pela área em que ocorreu, se pode chamar galego-português”. (Castro, 2004:84-85).

Ivo Castro:

O latim depositou no galego-português, em todo território, uma distinção entre as sibilantes provenientes do s latino, consoante que era apenas surda mas que, na evolução posterior do latim falado, se desdobrou numa correspondente sonora, igualmente grafada com s, mas que corresponde ao fonema /z/ quando se encontra em posição intervocálica. Este par, de /s/ surdo e /z/ sonoro, era articulado durante o português medieval como fricativo ápico-alveolar, possivelmente pouco palatalizado. Por outro lado, no português medieval havia um par de consoantes derivadas de vários sons latinos, mas principalmente do c, pronunciado /k/. Esta consoante, quando seguida de vogal palatal [e] ou [i], transformara-se numa africada palatal [tʃ], (...), a qual despalatalizou para uma africada predorso-dental [ts], por sua vez desdobrada numa correspondente sonora [dz]. No português medieval, este par [ts]/[dz], que correspondia às grafias c e z, com a variante ç para as surdas, sofreu um desfricamento (com perda do elemento oclusivo), e foxou-se no par de fricativas predorso-dentais /s/ e /z/, fonologicamente distintas das ápico-alveolares (...). Assim, era muito fácil distinguir pela pronúncia e pela escrita as palavras servo (criado) e coser (costurar) de cervo (veado) e cozer (cozinhar). Enquanto as primeiras tinham pronúncia apical, as sibilantes de cervo e cozer eram predorsais.

Paul Teyssier:

As consoantes: a palatalização — Entre as inovações fonéticas do latim imperial, algumas terão consequências importantíssimas. É o caso da palatalização.

Nos grupos escritos *ci*, *ce* e *gi*, *ge*, as consoantes *c* e *g* pronunciavam-se em latim clássico como as iniciais das palavras portuguesas *quilha*, *queda eguizo*, *guerra*, ou seja, eram oclusivas velares. Mas em latim imperial o ponto de articulação destas consoantes aproximou-se do ponto de articulação das vogais *i* e *e* que se lhes seguiam, isto é, da zona palatal, levando à pronúncia: [kyi], [kye] e [gyi], [gye]. Esta palatalização iniciou-se já na época imperial em quase toda a România e iria ocasionar modificações importantes: [kyi], [kye] passaram a [t̥si], [t̥se] e, finalmente, a [tsi], [tse]; ex.: *ciuitātem* > port. *cidade*, *centum* > port. *cento*, reduzido a *cem*. Para os grupos *gi*, *ge* o resultado da palatalização será inicialmente um *yod* puro e simples [y] que desaparece em posição intervocálica; ex.: *regina* > port. *rainha*, *frigi dum* > port. *frio*. Mas, em posição inicial, este *yod* passa a [dʒ]; ex.: *gente* (donde o *g* representa na Idade Média [dʒ]). O *yod* inicial saído de *gi*, *ge* confundiu-se, pois, com o que provinha diretamente do latim clássico e que, naturalmente, também deu [dʒ]; ex.: *iulium* > port. *julho*. Em galego-português medieval os grupos *gi*, *ge* e *ju* eram pronunciados em todas estas palavras [dʒi], [dʒe] e [dʒu].

Em várias outras palavras um *i* ou um *e* não tónicos, seguidos de uma vogal, eram pronunciados *yod* em latim imperial; ex.: *pretium*, *platea*, *hodie*, *video*, *facio*, *spongia*, *filium*, *seniorem*, *teneo*. Resultaram daí os grupos fonéticos [ty], [dy], [ly] e [ny] que se palatalizaram em [tsy] e [dsy], [lh] e [nh]. Para os grupos [ky], [gy], ex.: *facio*, *spongia*, a palatalização chega inicialmente a [t̥sy] e [d̥zy], mas os resultados definitivos serão complexos, pois dependerão da posição na palavra e do carácter mais ou menos popular dessa palavra. Ter-se-á, por exemplo, *pretium* > port. *preço*, *pretiare* > port. *prezar*, *platea* > port. *praça*, *hodie* > port. *hoje*, *medium* > port. *meio*, *video* > port. *vejo*, *facio* > port. *faço*, *spongia* > port. *esponja*. Em galego-português medieval as letras *c*, *z* e *j* representavam, respectivamente, em todas estas palavras, as africadas [ts], [dz] e [dʒ]. Na origem destas transformações fonéticas há sempre, em latim imperial, uma palatalização.

Quando o *yod* proveniente de *i* e *e* em hiato vinha de pois de -ss-, esta consoante passou a [š] transcrito pela letra *x*; ex.: *nīssēum* > *roxo*.

Finalmente, quando *l* ou *n* eram seguidos de um *yod*, originário de *i* e *e* em hiato, estas consoantes passaram a [lh] e [nh] palatais ou “molhados”; ex.: *filium* > port. *filho*, *seniorem* > port. *senhor*, *teneo* > port. *tenho*.

Como podemos verificar, estes de palatalização, iniciados já na época impe tiveram conseqüências importantes no sistema fonológico da língua. Como resultado, o galego-português medieval apresentava seis-fonemas novos:

/ts/;	ex.: <i>cidade</i> , <i>cem</i> , <i>preço</i> , <i>praça</i> , <i>faço</i> (hoje /s/);
/dz/;	ex.: <i>prezar</i> (hoje /z/);
/dʒ/;	ex.: <i>gente</i> , <i>hoje</i> , <i>vejo</i> , <i>esponja</i> (hoje /ʒ/)
/š/;	ex.: <i>roxo</i> (sem modificação em português moderno);
/lh/;	ex.: <i>filho</i> (sem modificação em português moderno);
/nh/;	ex.: <i>senhor</i> , <i>tenho</i> (sem modificação em português moderno).

Exemplos:

Latim

/-s-/

causa
rosa
pausare

/-k-/

acetu
medicina
luce > lu/z/e
radice > rai/z/e
voce > vo/z/e
pace > pa/z/e

/k-/_i

ciuitatem > /ts/
> /ts/idade

/k-/

centu > /tj/ > /ts/ > [tj]ento > [ts]ento
cista > [tj]esta > [ts]esta

/-k-/

facere > /tj/ > /ts/ > /dz/ > /z/ > fa[tj]ere > fa[ts]er > fa[dz]er > fazer

/-kj-/

facie > /tj/ > /ts/ > /s/ > fa[s]e > face
facio > fa[tj]o > fa[ts]o > fa[s]o > faço

/ti/

fortia > /ts/ > /s/ > for[ts]a > for[s]a > força
pretium > pre/ts/um > pre/s/o > preço
platea > pra/ts/a > pra/s/a > praça

/t/

pretiare > /tj/ > /ts/ > /dz/ > /z/ > pre/tj/ar > pre/ts/ar > pre/dz/ar > pre/z/ar > prezar

/-di-/

hodie > /dz/ > /dž/ > /ž/ > ho/dz/e > ho/dž/e > ho/ž/e > hoje
video > v(e)/dz/o > v(e)/dž/o > ve/ž/o > vejo
spongia > (e)spon/dz/a > (e)spon/dž/a > espon/ž/a > esponja

Português padrão, séc. XVI

> /z/

<s>

> cau/z/a > cousa
> ro/z/a > rosa
> pou/z/ar > pousar

> /z/

<z>

> a/z/edo > azedo
> me/z/inha > mezinha
> lu/z/ > luz
> rai/z/ > raiz
> vo/z/ > voz
> pa/z/ > paz

> /s/

<c>

> /s/idade > cidade

> /s/

<c>

> /s/ento > cento
> /s/esta > cesta

> /z/

<z>

> fazer > fazer

> /s/

<c>_e/i; <ç>

> fa[s]e > face
> fa[s]o > faço

> /ç/

<ç>

> for[ts]a > força
> pre[ts]o > preço
> pra[ts]a > praça

> /z/

<z>

> pre[tj]ar > prezar

> /ž/

<j>

> ho/ž/e > hoje
> ve/ž/o > vejo
> espon/ž/a > esponja

Grupos consonantais

Grupos iniciais pl-, cl-, e fī- > *ch* ([tʃ]) — Estes grupos iniciais sofreram, num primeiro momento, uma palatalização do *l*, fenômeno que se produziu numa vasta zona que compreendia o galego-português, o leonês e o castelhano, e ainda um pequeno território situado entre a Catalunha e Aragão. Em castelhano, a consoante inicial caiu posteriormente, tendo restado o *l* palatal, transcrito *ll*; ex.: *plaga* > cast. *llaga*, *clave* > cast. *llave*, *flamma* > cast. *llama*. O mesmo aconteceu na parte oriental do leonês. Tod em galego-português e em leonês ocidental a evolução foi mais profunda: a consoante inicial seguida de *l* palatal deu origem à africada [tʃ], que foi transcrita em galego-português por *ch*, donde, para os três mesmos exemplos, *chaga* ([tʃaga]), *chave* ([tʃave]) e *chama* ([tʃama]). (...)

	Latim	Galego-português	Castelhano
	<i>plenu-</i>	<i>chêo</i>	<i>lleno</i>
Pl-	<i>planu-</i>	<i>chão</i>	<i>llano</i>
	<i>plicare</i>	<i>chegar</i>	<i>llegar</i>
Cl-	<i>clamare</i>	<i>chamar</i>	<i>llamar</i>
Fl-	<i>flagrare</i>	<i>cheirar</i>	(não atestada)

Paul Teyssier (*sobre a evolução dos grupos consonantais em palatais - datada dos séculos VIII a XII*)

Esta evolução — e é o ponto mais importante — não se produziu na zona moçárabe⁴. O galego-português e o leonês ocidental isolam-se, por isso, não apenas dos vizinhos do Leste, mas também dos vizinhos do Sul. Esta evolução diz respeito às palavras que constituem o fundo mais popular da língua.

Ivo Castro (*sobre o sesseio - perda das apicais - datada "durante a idade média"*)

Foi nos dialectos do sul de Portugal que teve início uma transformação, durante a Idade Média, conhecida com o nome de sesseio. O sesseio consiste na confusão entre as sibilantes apicais e predorsais, seguida da transformação das apicais em predorsais, ou, dito de outra maneira, o desaparecimento das apicais, passando as palavras que continham sibilantes apicais a serem produzidas com consoantes predorso-dentais. **O sesseio generalizou-se no sul de Portugal e foi acolhido no Português padrão**". (Castro 2004:28-29)

cf. Fonética histórica & Ciclos do Português

cf. Textos Seleccionados - Sobre as sibilantes

O caso das nasais

(1) “Queda” de [n] intervocálico (precedida de assimilação regressiva do traço nasal?):

CORONA	> *CORÕNA	> CORÕA
SENO	> *SËNO	> SËO
VERANU	> *VERÃNO	> VERÃO
LANA	> *LÃNA	> LÃA
VINO	> *VÏNO	> VÏO

(2) Mudanças posteriores

(séculos XI a XII, segundo Teyssier)

(a) > perda do traço nasal

CORONA	> *CORÕNA	> CORÕA	> COROA
luna	> *lũna	> lũa	> lua
tenere	> *tëner	> têer	> ter
arena	> *arëna	> arêa	> areia
generale	> *gëneral	> gêeral	> geral
moneta	> *mõneda	> mœda	> moeda
bona	> *bõna	> bœa	> boa

> perda do traço nasal > epêntese de /i/ (terminação latina -eno/a)

SENO	> *SËNO	> *SËO	> SEO	> SEIO
vena	> *vëna	> vœa	> vea	> veia

(b) > conservação do traço nasal e...

> manutenção do encontro vocálico - ditongos (terminação latina -anu, -ane, -one):

VERANO	> *VERÃNO	> VERÃO
pane	> *pãnes	> pães
mansione	> *mansiões	> mansões

> fusão com a tônica anterior:

LANA	> *LÃNA	> LÃA	> LÃ
mattiana	> *maçãna	> maçãa	> maçã
lana	> *lãna	> lãa	> lã
sonu	> *sõno	> sœo	> som
donu	> *dõno	> dœo	> dom
unu	> *ũnu	> ũu	> um
jejunu	> *jejũnu	> jejũu	> jejum
bene	> *bêne	> bœe	> bem

> palatalização (terminação latina -ino/a):

VINO	> *VÏNO	> VÏO	> VINHO
farina	> *farĩna	> farĩa	> farinha
molinu	> *mo(l)ĩno	> moĩa	> moinho

Resumo "Cronológico" das mudanças selecionadas

cf. Coutinho, Mattos & Silva, Teyssier
cf. ficha - "ciclos do português"

	<i>(latim)</i>	Hipóteses de mudanças anteriores à documentação escrita	I Associadas ao período de documentação escrita inicial (séc. XIII)	II Associadas à documentação clássica (XVI)	<i>grafias modernas</i>
[n] intervocálico latino	LANA VERANU	> *l[ã]na > *ver[ã]no	> l[ã]a > ver[ã]o	> l[ã] > ver[ã]o	<i>lã</i> <i>verão</i>
[l] intervocálico latino	DOLORE		> do[_]or	> do[_]r	<i>dor</i>
Palatalizações de velares e dentais latinas					
[k]_i,e > *[tj] > [ts] > [s]	[k] , CIVITATE CENTO	> *[tj], *[tj]dade, *[tj]ento	> [ts], [ts]idade [ts]ento	> [s], [s]idade [s]ento	<c>, <i>cidade</i> <i>cento</i>
[g]_i,e > *[dj] > [dʒ] > [ʒ]	[g] , GENTEM	> *[dj], *[dj]ente	> [dʒ], [dʒ]ente	> [ʒ], [ʒ]ente	<g>, <i>gente</i>
[t]_i,e > *[tj] > [ts] > [s] *[dj] > [dʒ] > [ʒ]	[t] , PRETIUM PRETIARE	> *[tj], *pre[tj]um > *[dj], *pre[dj]are	> [ts], pre[ts]o > [dʒ], pre[dʒ]ar	> [s], pre[s]o > [ʒ], pre[ʒ]ar	<ç>, <i>preço</i> <z>, <i>prezar</i>
[d]_i,e > *[dj] > [dʒ] > [ʒ]	[d] , HODIE	> *[dj], *ho[dj]e	> [dʒ], ho[dʒ]e	> [ʒ], ho[ʒ]e	<j>, <i>hoje</i>
Palatalizações de sibilantes latinas:					
[s]_y > [ʒ] [s]_e > [ʃ]	[s] , BASYUM RUSSEUM		> [ʒ], bei[ʒ]o > [ʃ], ro[ʃ]o	> [ʒ], bei[ʒ]o > [ʃ], ro[ʃ]o	<j>, <i>beijo</i> <x>, <i>roxo</i>
Palatalizações de grupos consonantais latinos					
[p]l > *[plj] > [ʃ] > [ʎ] [k]l > *[klj] > [ʃ] > [ʎ] [fl] > *[flj] > [ʃ] > [ʎ]	[pl] , PLUVIA [kl] , CLAMARE [fl] , FLAMMA	> *[plj], *[plj]uvia > *[klj], *[klj]amare > *[flj], *[flj]amma	> [ʃ], [ʃ]uva [ʃ]amar [ʃ]ama	> [ʎ], [ʎ]uva [ʎ]amar [ʎ]ama	<ch>, <i>chuva</i> <i>chamar</i> <i>chama</i>
Rotacismo de grupos consonantais latinos					
[pl] > [pr] > [pr], [pl] [cl] > [cr] > [cr], [pl] [fl] > [fr] > [fr], [pl]	[pl] , PLACERE [kl] , CLAVU [fl] , FLACCU <i>mas</i> SIMPLICE CLEMENTIA FLOCCU		> [pr], [pr]azer > [cr], [cr]avo > [fr], [fr]aco <i>mas</i> > sim[pr]iz > [cr]emencia > [fr]oco	[pr]azer [cr]avo [fr]aco <i>mas</i> > sim[pl]is > [cl]emencia > [fl]oco	<pr>, <i>prazer</i> <cr>, <i>cravo</i> <fr>, <i>fraco</i> <pl>, <i>simples</i> <cl>, <i>clemência</i> <fl>, <i>floco</i>

"fora destes casos, o -n- se explica por reconstituição (menos < meos, feno < feo, pena < pea); por influência literária (diácono < diago, cônego < cooigo); por introdução culta (fortuna, ameno, sereno, ruína)"

(Coutinho, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.)

cf. "A história das vogais nasais do português e a proposta do arqúifonema nasal" (Paixão de Sousa, 2008 - Prova de concurso)

cf. "Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos 1600" (Paixão de Sousa 2004) - Capítulo III

cf. *Textos Selecionados - Sobre os ditongos nasais*

A produção escrita primitiva do português (1200-1250) - Um exemplo

"*Essa titubeante invenção do escrever português*":

Exame inicial da Notícia de Torto



cf. *Notícia de Torto*:
Edição; *Comentário linguístico*

Ivo Castro, (2004:22 e ss):

"... embora na chancelaria real portuguesa ainda continuasse durante mais meio século a ser observado o costume de escrever em latim os documentos formais, destinados a assumir carácter oficial e a perdurar no tempo (costume quebrado no caso do testamento de 1214, por razões que os historiadores um dia encontrarão), já era uso, no início do séc. XIII, escrever em português certos textos de carácter efêmero, tais como apontamentos, mensagens pessoais, rascunhos, minutas, que pela sua natureza muito poucas possibilidades tinham de sobreviver, ou de carácter informal, como a notícia, que mesmo quando sobrevive é difícil de situar cronologicamente. Em tais exercícios se adestraram os escribas da casa real para escrever em português. Aqui abre-se uma perspectiva aliciante, que não tenho possibilidade de explorar neste trabalho: a caracterização da "ortografia individual" de cada escriba talvez permita vislumbrar a proveniência do seu aprendizado e determinar se aprenderam a escrever romance em ambientes de influência castelhana ou leonesa. (...)

Um desses textos informais ou efêmeros, contudo, chegou até nós. A Notícia de Torto tem sido considerada pela maioria dos autores uma minuta portuguesa de documento que, em forma limpa e final (*mundum*), seria escrita em latim. Por acidente histórico não explicado, foi a minuta que sobreviveu e não o produto final, se esse chegou a existir".(...)

"... o escriba era mais um leitor que um profissional da escrita e não tinha, para todos os problemas, soluções gráficas adquiridas e enraizadas, ao contrário dos seus contemporâneos da chancelaria real. Deixava-se guiar pela análise que caso a caso ia fazendo do que ouvia, do que lhe era ditado. Daí grande parte do seu interesse para o linguista, porque a espontaneidade e a hesitação da sua mão deixam entrever factos da língua oral que um escriba habitual e formal teria filtrado e que se tornam, assim, naqueles momentos raros em que vemos 'falar' um documento antigo. O seu recurso às grafias de /d|/, por exemplo, constitui um precioso testemunho de que este fonema ainda existia no português de inícios do séc. XIII"

"Esta caracterização não deveria surpreender: o escriba da Notícia de Torto não trabalhava para o rei de Portugal, nem para um comendador da ordem do Templo, mas para um fidalgo arruinado do Minho, Lourenço Fernandes da Cunha, que não possuía chancelaria, nem escriba decente ou profissional, mas apenas aquilo a que hoje chamamos uma 'mão inábil'. Essa titubeante invenção do escrever português, essa escrita não totalmente formada e adquirida, é fascinante em si mesma e, por contraste, põe em destaque quanto a prática dos copistas da corte era adquirida, longa e hábil".

"Das dicções velhas", "das dicções novas"...

Paul Teyssier:

Como todas as línguas românicas, o português possui um vocabulário complexo: às palavras que se mantiveram sempre vivas desde a época latina, e que constituem o “patrimônio hereditário” da língua, vieram juntar-se palavras eruditas, criadas, em todas as épocas, com base no latim e no grego (ex.: *internacional*, *automóvel* e *telefone* em português contemporâneo). Este processo de criação vocabular começou bem antes dos primeiros textos escritos em galego-português, ou seja, exatamente durante o período por nós estudado neste capítulo. As palavras eruditas ou semi-eruditas que ascendem àquela época distante pertencem ao vocabulário religioso. Podem ser detectadas pelo fato de não terem sofrido certas transformações fonéticas normais no vocabulário do “patrimônio hereditário”. Assim, *cabido* (“capítulo” no sentido eclesiástico), hoje *cabido*, que aparece no testamento de Afonso II (1214), representa o latim *capitūlus*, em préstimo posterior à data em que todos os *ī* latinos se pronunciavam [e] (pois que ele conserva este *ī* latino), mas anterior à queda do *l* intervocálico (uma vez que perdeu este fonema). É à mesma camada de termos religiosos que pertence *bispo* (*episcopus*), pela conservação do seu *i*, assim como *culpa* e *cruz* (lat. *cūlpa*, *crūcem*), pela permanência do seu *u*. Foi também a Igreja, não resta dúvida, que impôs, em data muito antiga, a terminologia cristã dos dias da semana: *domingo*, *segunda-feira*, *terça-feira*, *quarta-feira*, *quinta-feira*, *sexta-feira*, *sábado*.

Duarte Nunes de Lião:

Sendo pois a lingua Portuguesa na origem latina, & reformada muitas vezes, & ampliada de vocabulos latinos, de que careciamos, por a corrupção, que os Godos nella fizeraõ sem nenhum pejo, & com mais honra nossa nos devemos aproveitar della, como filhos, que dos bens paternos se ajudão mais sem afronta sua, o que não fariaõ dos estranhos.

Origem..., Capítulo XXV. De que língua tomarão os portugueses os vocábulos de que tiverem falta, ou lhe forem necessários pera ornamento do que falam e escrevem (pp. 138-144)

Fernão de Oliveira:

As dições velhas são as que foram usadas, mas agora são esquecidas, como Egas, Sancho, Dinis, nomes próprios, e ruão, que quis dizer cidadão, segundo que eu julguei em hum livro antigo, o qual foi trasladado em tempo do mui esforçado rei dom João da Boa Memorea, o premeiro deste nome em Portugal. Por seu mandado foi o livro que digo escrito e está no moestiro de Pera Longa e chama-se Estorea Geral, no qual achei esta com outras anteguidades de falar. Mas destas e doutras que por lugares mais particulares achamos cada dia quanto nos havemos d'aproveitar ou servir e como logo o diremos.

Pois em tempo del-rei dom Afonso Anriquez capa-pelle era nome de **hua** certa vestidura. E não somente de tanto tempo, mas também, antes de nós hum pouco, nossos pais tinham **alghu** as palavras que já não são agora ouvidas, como *compengar*, que queria dizer comer o pão com a outra vianda, e *nemichalda*, o qual tanto valia como agora *nemigalha*, segundo se declarou poucos dias ha **hua** velha que por isto foi preguntada, dizendo ella esta palavra. E era a velha a este tempo quando isto disse, de cento e dezasseis annos de sua idade. Estas, diz Cicero no terceiro livro a seu irmão Quinto, as velhas, digo, nos diz elle que guardam muito a anteguidade das línguas porque falam com menos gente. A *carão*, que quer dizer junto ou a par, e *samicas*, que significa porventura, **e outras piores vozes ainda agora as ouvimos e zombamos dellas**. Mas não é muito de maravilhar, diz Marco Varrão, que as vozes envelheçam e as velhas **alghua** hora pareçam mal, porque também envelhecem os homens cujas vozes ellas são. E isto é verdade que a fremeosa menenice despois de velha não é para ver. E assi como os olhos se ofendem vendo as figuras que a elles não contentam, assi **as orelhas não consintem a musica e vozes fora de seu tempo e costume**. E mui poucas são as cousas que duram por todas ou muitas idades em hum estado, quanto mais as falas que sempre se conformam com os conceitos ou entenderes, juizos e tratos dos homens.

Gramatica..., Capítulo XXXVI. (Das dicções velhas)

cf. *Textos Seleccionados - "Elaboração" da língua*

Exemplos de Contribuições do Latim Medieval

correspondere, discursus, effectivus, effectuare, identitas, , modernus, realis, repausare;
essentia, felicitare, impertinens, necessitare, substantia, substantialis, ...

Exemplos de Formas Divergentes (alotrópicas)

fundo primitivo	forma erudita
cadeira	cátedra
caldo	cálido
catar	captar
chão	plano
cheio	pleno
coalho	coágulo
delgado	delicado
eira	área
inchar	inflar
lôgro	lucro
mágoa	mácula
olho	óculo
orelha	aurícula
regra	régua

Exemplos de Formas Refeitas

forma arcaica	forma relatinizada
afriçom	aflição
auga	água
cantidade	quantidade
chor	frol > flor
coa	cauda
consiirar	considerar
diago	diácono
dino	digno
eemigo	inimigo
eivigar	edificar
esmar	estimar
feo	feno
fiiz	feliz
fremoso	formoso
inhorar	ignorar
ordiar	ordenar
pea	pena
preguntar	perguntar
sâar	sanar
seenço	silêncio
segre	século
vea	vela
zeo	zelo

Teodoro Maurer Jr.:

"[A] notável semelhança das línguas românicas do Ocidente - desde Portugal até a Itália - não se deve apenas à sua origem comum no latim vulgar do Império Romano, como tantas vezes se parece acreditar, mas é o resultado de uma unidade contínua de contacto ininterrupto entre todas as línguas da família, de modo que muitas inovações posteriores à destruição do Império pela invasão dos bárbaros se disseminaram por toda a România Ocidental, enriquecendo o seu léxico e alterando a cultura e, às vezes, a própria morfologia das línguas que a constituem".

Maurer Jr, Teodoro. *A Unidade da România Ocidental*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1952.